



## SEMÁRIO DE CRITICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR Interino: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração  
Comp. Impressão e Redacção

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

## «O Cávado» pode ser Mensagem de Esperança

É verdade. Aquele que todos desejaríamos fosse uma mensagem de Verdade e de Esperança, um repositório de anseios e aspirações, uma alavanca para o progresso e uma arma do bom combate, mal viu a luz do sol e o clarão do luar, adornou para estibordo e por ordem dos timoneiros mais sensatos, mais coerentes e lúcidos regressou ao abrigo para se refazer da neurose que o atormentou no seu primeiro e virginal vagido.

Praza a Deus que entrementes os de dentro compreendam que não era aquela a mensagem que de boa fé idealizaram e os de fora proclamem que não era aquela o caminho da verdade e da vida nova esperada e reclamada.

Se este prelúdio fôr aproveitado como aviso para estudo, meditação e esclarecimento, terá sido salutar.

Muitos são os que desejam e querem um órgão distrital que proclame as opções que se adivinham, que desbarate a mentira, que ampare os que trabalham e desinteressadamente se sacrificam; estes são os que acreditam nas possibilidades naturais e nas potencialidades humanas, querem o progresso da sua terra, a promoção do nosso povo.

Muitos outros, os ambiciosos, os medíocres, os inertes e desonestos em tudo buscam uma escada para subir à custa do trabalho dos outros e dos dinheiros ganhos em cargos que não exercem efectivamente.

O dilema põe-se em todas as facetas da vida. Está patente na alma do Cávado no primeiro passo da sua renascença.

Um jornal só é válido se por meios sérios proclama a verdade e é motivo para que vençam as boas causas. Se defende as aspirações dos povos e das terras, o bom nome dos homens, os parâmetros da Fé, os alicerces imutáveis da Pátria.

Se o Cávado vem para esse fim e para esse efeito, que não demore nem desvaneça e nos permita que de dentro

ou de fora possamos colaborar com ele.

Ninguém que tenha a verdadeira noção do momento que atravessamos duvida que a nossa Região precisa de um órgão de dimensão que se imponha e que nos liberte do estado de impasse que se nota, se sente e nos devora.

Os concelhos sofrem porque as suas aspirações não têm seguimento, os homens de iniciativa desalentam porque ninguém entende ou acarinha o seu esforço, os que trabalham vêm-se prostados porque a legião dos que nada fazem e tudo ganham não acredita na sua ânsia, na sua teimosia.

Ser-se baírrista, andar nas instituições a lutar contra a inércia pondo o «seu» ao sol, é factor em que ninguém acredita. Tudo é clamar no deserto.

De há um ano a esta parte este jornal publicou três artigos sobre assuntos candentes que definem uma época e vão ser causa de um declínio irreparável. São irresponsáveis e transcendentes e os males que se pretendia evitar maiores de tudo quanto se fez de bom em dois decénios. Não se ouviu uma voz, não se levantou

uma palheira. Depois de tudo cair tentarão construir sobre ruínas.

Nota-se um vazio que se não entende, um abdicar de responsabilidades que arripia. Mesmo quando têm de reconhecer que trilhavam caminhos errados negam a vitória da justiça.

Esquecem que a injustiça abala, que a ingratitude danifica e que o entusiasmo não é eterno como a alma.

Como vêm sentimos no cerne do nosso ser que deve existir um grande e imparcial órgão de imprensa aberto aos clamores das terras e das pessoas que querem progresso e dinamismo. Como vêm nós é que sentimos a sua falta.

Os jornais como, aliás, tudo, valem o que valem as pessoas que o orientam. Na aragem se vê quem vai na carruagem. É preciso que se anteveja que estamos perante coisas sérias.

Se assim querem, se assim vai ser, bem haja quem possa vazar a represa para que as águas se purifiquem correndo.

## Tribuna Desportiva

## O F. C. A. necessita do auxílio de todos os Amarenses

Como é do conhecimento geral, foi eleita há tempos a nova direcção do F. C. Amares para dirigir os destinos do Clube durante a época de 1973/74. Dadas as dificuldades habituais para se conseguir um elenco directivo foi necessário proceder a duas assembleias gerais tendo finalmente os esforços do Sr. João Barbosa de Macedo sido coroados de êxito.

A Direcção eleita foi dada imediata posse iniciando os trabalhos na aquisição de novos elementos para a época

que vai começar e sem os quais não será possível conseguir-se uma representação condigna. Para além desta sempre difícil missão tem a Direcção procedido à já tradicional campanha para angariar fundos sem os quais será impossível sobreviver. Tal como no ano findo o público tem sabido corresponder ao esforço destes briosos rapazes, que tudo tentam para que possam apresentar em campo, na época que terá o seu início em 9 de Dezembro, (Cont. na 4.ª pág.)

## A VIDA E OS BALADEIROS

Vai pelo Mundo — dizem cronistas de inúmeros países de aquém e de além «Cortina de Ferro» — um coro vociferante ou gemebundo contra a Vida nos nossos dias. Esgotam-se os termos pejorativos. Andam de porta em porta, agitando Bíblias, fúnebres criaturas anunciadoras de que se aproximam os horrores do «Apocalipse». Não escasseiam carpideiras, nem carpidores. No que respeita aos «contestatários» — ou assim chamados, embora já exista quem os «conteste» — esses resmungam doestos ou cantarolam «náuseas de viver», rouquejando versalhadas com rimas delirantes para a palavra «morte».

Porém — e por singular que seja ou pareça — nunca as indústrias propícias ao prolongamento da existência foram tão prósperas! Gastam-se fortunas em produtos revigoradores. Circulam milhões em torno de medicamentos que se supõe serem capazes de multiplicar as resistências orgânicas de qualquer cidadão. Podemos encontrar nos jornais — mesmo na Rádio e na TV — anúncios que prometem prodigiosos regressos à juventude, assegurando ao mesmo tempo, à gente nova, uma aceleração do seu desenvolvimento físico e mental. Ora, este fenómeno contradiz os alaridos doentios contra a Vida; contém na sua essência um anseio de longevidade. É evidente! Pretende-se, afinal, viver mais, usufruir maiores satisfações em cada dia soalheiro ou chuvoso, afastar para longe o espectro da «Ceifeira». Isto reduz o significado das lamúrias e das cantorias lamentosas a certos aspectos de propaganda dissolvente por demais referenciados...

Nada mais natural e defensável do que «a ânsia de viver»! Seria radicalmente estúpido quem levantasse dúvidas sobre o direito de alguém a desejar uma vida maior e melhor. Mas o que se diga ou faça, na inversa do «anseio vital», apenas esconde tendências que se situam no terreno das agitações derrotistas — ou no campo da Psiquiatria...

Pois, ampliando o quadro das reacções em prol de vida longa, abrem nas maiores

capitais europeias e americanas delegações do movimento «Zen», de origem asiática) o qual proclama a «possível imortalidade» desde que a alimentação não inclua produtos animais.

Filosofia e naturismo aparecem conjugados. Abrem-se «escolas de alimentação» — ensinando «biologismo» (consumo de produtor da terra), «macrobiotismo» (uso exclusivo de cereais que devem ser demoradamente martigados) e «vegetalismo», no qual nem se admitem ovos ou leite. Enchem-se os «restaurantes especiais» de gente de todas as idades. Neles se servem pitús com nomes enigmáticos «magari», «tomási», por exemplo. Progride uma nova indústria — a macrobiótica, por promenor longevidade saudável.

Registe-se o facto sem ironia, mas reconhecendo que os simpáticos vegetarianos de outros dias estão ultrapassados. Não menos ultrapassados começam a estar os baladeiros lamurientos — que não dispensam bifés suculentos, nem bebidas fortes, nem o pagamento das tristes cantigas... A vida, afinal, é sempre rica de contrastes. E prossigue. E separa, sem hesitar, a verdade da fábula, o trigo do joio.

M. A.

## 5.ª COLUNA

Isto é um canudo! Continuamos a ser uns ascetas! Inebriados pela guerra árabe-israelo (desta vez a coisa foi posta ao contrário) imbuidos de falta de petróleo e do natural aumento de gasolina, nada mais há, para já, que prevaleça no cérebro do circustante.

E, no entanto, uma notícia extraordinária apareceu no século. No século, leitor! A ser verdadeiramente interpretada será fabulosa. Apesar disso nem foi notada, ou talvez, ançada.

Trata-se de cientistas soviéticos que assinalaram ou, melhor, captaram sinais cabalísticos oriundos de seres inteligentes de outro planeta! Qual? Veremos. E quando «Continua na 4.ª página»

# DIA 11 -- S. MARTINHO

É dia de S. Martinho  
E como diz o ditado  
Castanhas e vinho  
E ébrios por todo o lado.

Que não falte a água-pé  
P'ra dar vida ao magusto  
Então aparece o Zé  
Que nos prega um grande susto.

Com a cara sorrascada  
Coitado a cambalear  
Lá vem um na enxurrada  
À festa se associar.

Alguém que chega depois  
De pau na mão aparece  
A mexer as castanhas são dois  
Uma rebenta e já apetece.

Todos os que cá estão  
Comam e bebam à farta  
Dou a minha opinião  
Que não haja zaragata.

No final disto tudo, concerteza  
Alguns já vão para o canto  
Sentam-se então há mesa  
E falam do grande Santo.

Por: — João Manuel Fernandes

1.ª Publicação em 10-10-1973



Tribunal Judicial da Comarca

— DE —  
**AMARES**  
ANÚNCIO

Pela Secção de Processos do Tribunal Judicial desta comarca, correm éditos de VINTE DIAS contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos dos executados AMANDIO JOSÉ DA SILVA e mulher MARIA ARMANDA FERREIRA DA SILVA VILELA, proprietários, residentes no lugar do Ferreiro, freguesia de Santa Maria de Bouro, desta comarca, para no prazo de DEZ DIAS posterior àquele dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados, sobre que tenham garantia real, na execução movida por Manuel Feio Soares de Azevedo, de Vila Verde.

Amares, 31 de Outubro de 1973

O Juiz de Direito,

Alfredo Jaime Menéres Correia  
Barbosa

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Auxilie o F. C. A.  
Inscrevendo-se  
Como Sócio

# CAMPANHA DE AUXÍLIO

— AO —

## Futebol Clube de Amares

Anónimo	1.000\$00
Pensão Paulo «F. Nova»	600\$00
Restaurante Pinheiro Manso «Amares»	100\$00
P.re Fernando Apolinário Marques «Amares»	50\$00
Narciso Leite	50\$00
António da Silva	40\$00
José Manuel da Silva	40\$00
Francisco Veloso «P. Porto»	50\$00
Paulo Silva «Amares»	50\$00
Fernando Magalhães	40\$00
Augusto Magalhães	40\$00
José da Silva Pinheiro «S. Vicente do Bico»	50\$00
António Alves Leite	50\$00
António Magalhães	30\$00
Abel Veloso	20\$00
Arnaldo Vieira Faria «Dornelas»	50\$00
Adelino da Silva «Caldelas»	20\$00
Venâncio Martins Machado «F. Nova»	100\$00
Alberto Dias «França»	50\$00
Manuel Fernandes Taveira «Carrazedo»	50\$00
Ramiro Antunes «F. Nova»	100\$00
Tomé Gonçalves Macedo «F. Nova»	100\$00
José Fernandes «França»	50\$00

Telefone dos Bombeiros Voluntários de Amares 62162

# AS DUAS ÓRFÃS

(Continuado do número anterior)

—Não chores mais, Carmencita! Sê forte. Tudo se há-de arranjar.

—Tira-me daqui, «Pardal»!

—De onde?...

—De Madrid. Leva-me para onde eu não conheça ninguém, onde não haja pessoas, onde possamos viver os quatro sózinhos: num monte, numa cova, numa choça... aonde ninguém nos veja!

—Não te desespere, rapariga, que me despedaças o coração. O rapaz, enternecido, com a alma atribulada, abraçou comodamente a sua amiiguinha;

O cão, com os olhos tristes, olhava-os com enternecimento, como se compreendesse aquela imensa dor!

E, entre soluços, Carmencita murmurou:

—Eis-nos sósl... Sem lar, sem amparo, sem dinheiro!

## FATALIDADE

Apenas pôs os pés no degrau da porta da casa da senhora Filipa, sentiu-se mais aliviada dos seus receios e temores.

A entrada daquela casa miserável, parecia-lhe a porta do Paraíso; as escadas desconjuntadas e carcomidas pelos anos, gastos os degraus pelos milhares de pés que sobre eles tinham passado, eram para ela tão ricos e luxuosos como se fossem de mármore polido; e o mau cheiro que feria o olfato, parecia-lhe agora um perfume embriagador.

E o caso não era para menos.

Naquela casa miserável e sórdida vivia — para Dolores — a fada que havia de demonstrar a sua inocência, a sua pureza, a sua virtude, ao afirmar que ela não estava em qualquer «cabaret» praticando uma má acção, mas sim exercendo a caridade junto da pobre velhinha, doente e desamparada de todos!

Por isso a casinha tão pobre parecia a pobre Dolores um palácio sumptuoso.

—É no último andar, na água-furtada, senhor doutor Juiz.

O coração batia-lhe apressado, enquanto ela subia os degraus.

O Juiz, com aquela frieza própria dos representantes da ma-

gistratura, apenas falava o necessário.

Seguido pelo escrivão, seguia atrás de Dolores.

Ao chegar à humilde trapeira, puxou a corda da velha porta, lembrando-se de que, dentro daquele pobre tugúrio se guardava o tesouro da verdade e da sua inocência.

Sentia-se extremamente comovida naquele momento. O gato esquálido, de rabo alçado, apareceu a correr pela escada abaixo, como se tivesse medo de alguém ou de alguma coisa.

Dolores, ao pôr os pés na entrada da porta, gritou:

—Está aqui o senhor doutor juiz, senhora Filipa!

E, voltando-se para os dois homens, disse-lhes:

Façam favor de entrar. É uma casa muito pobre mas honrada. Entraram.

Dolores acercou-se do catre e olhou a senhora Filipa com simpatia e esperança.

Tinha os olhos cerrados. Nos lábios, pairava-lhe um doce sorriso. Dir-se-ia que a simpática velha dormia e sonhava qualquer coisa de enternecedor. Talvez evocasse os dias alegres da sua juventude, quando era a «Cigarra de Ouro», livre na sua gloriosa carreira artística, aplaudida por todo o público, que a adorava.

Dolores, andando em bicos de pés, aproximou-se do juiz e disse-lhe:

Está dormindo.

—Não há remédio senão acordá-la! — disse o juiz, ao mesmo tempo que deitava um olhar pela casa, avaliando aquele quadro de miséria

—Tenha pena...

—Não há outro remédio.

Dolores, por muito que lhe custasse arrancar a sua velha amiga àquele sona reparador, via-se forçada a obedecer ao juiz. Voltou a aproximar-se da cama, e chamou em voz baixa:

—Senhora Filipa!

O sorriso doce continuava a pairar nos lábios da pobre velha.

—Senhora Filipa! — repetiu Dolores, em voz mais alta.

E o sorriso doce brincava ainda nos lábios da velhinha.

—Senhora Filipa!...

O sorriso continuava com a mesma inalterável doçura, como se fosse estereotipado, mas a pobre mulher não respondia.

—Senhora Filipa! — gritou de novo a rapariga, numa voz ainda mais forte.

O juiz e o escrivão, acercaram-se então do leito.

—Por que não respondia?...

(Continua no próximo número)

# TRIBUNA do CONCELHO

## Notícias do Concelho

### Imposto de Trabalho

Nenhum contribuinte re- pontava com o seu pagamen- to se os seus efeitos se sen- tíssem em todas as fregue- sias onde alguns caminhos vicinais se mantem num es- tado lastimoso. A Câmara ao fazer a sua cobrança gasta nos caminhos que precisam de reparação e só disso sabe quando as Juntas de Fregue- sia pedem esse benefício para as f eguesias que adminis- tram. E por causa do desma- zelo dessa autoridade sofre a Câmara as investidas críticas por se ver obrigada a manter o imposto enquanto outras receitas não desafoguem a sua situação financeira. É o que deverá ter acontecido nos concelhos aonde esse imposto já acabou. Amares quando se industrialisar e conseguir electrificar o que falta, poderá respirar outra atmosfera financeira. Há es- peranças de grande melhoria nos meios rurais com a exe- cução do 4.º plano de fomen- to e é nisso que é preciso ter conta para não ficarmos a «chuchar no dedo».

### Cemitério de Carrazedo

Sofreu radical limpeza a última morada dos habitantes de Carrazedo. A pintura do gradeamento e também um jazigo construído pela família Euzébio Exposto e Filhos aonde se encontra já o gran- de industrial, fundador dessa conceituada casa industrial, mostram publicamente a sua dedicação pelo embelesamen- to fisionómico de um local que todos devemos estimar para mostrar-mos a Deus o respeito que nos merece a alma dos mortos queridos. Portanto é à Junta de Fregue- sia que nos dirigimos a agra- decer esse melhoramento e também o da electrificação pública faltando só para completar o regosijo que a estrada para Barrimau não deixe de ser feita porque é a própria Igreja que o exige com a aproximação do povo desse lugar.

### Eleições para Deputados

Já é conhecido o resultado em todos os territórios na- cionais.

Foi retumbante a vitória da A. N. P. garantida com uma lista de nomes célebres pelo seu valor pessoal e político para ajudar o Presiden- te do Conselho na tarefa in- gente a que se propôs de alma e coração para reivin- dicar os direitos do nobre povo que lhe mostrou nas

eleições o quanto o respeita e admira, confortando-o na emergência com a sua pre- sença nas urnas.

### Duas Forças

A Rússia e a América do Norte são duas potências que dominam o Mundo in- teressados somente na sua expansão ideológica e co- mercial. São dois super mer- cados de metralha que abas- tecem qualquer país. Nunca chego a saber qual é a mais poderosa porque se desco- nhecem e temem.

Há «batota» entre as duas «comadres»; há segredos que não podem ser revelados. As suas forças são demons- tradas na casa dos outros, dos que precisam e, quando as coisas tomam o aspecto de flagelo, suspendem as suas acções guerreiras fican- do em suspenso as suas acti- vidades bélicas. O Vietnam e Israel experimentaram a força esmagadora desses dois «amigos» que nunca se zan- gam para se não destruírem. Estamos em África a experi- mentar a força da Rússia com um bocado de China pelo meio e era aqui que eu que- ria chegar para dizer que se o Sr. Nixon piscar o olho à Rússia as balas das suas ar- mas poderão deixar de furar os corpos de tantas vítimas inocentes e Portugal pode passar a acreditar na amizade dos E. U. personificada no seu presidente, amigo pessoal do nosso primeiro ministro com quem se encontrou nos Açores a quando do encon- tro Pompidou-Nixon.

E é por aqui que o mal deve ser atacado porque vícti- mas que morrem no campo da batalha não estão a defen- der ideal algum que lhes ga- ranta maior felicidade do que aquela que os portugueses lhe darão com a plena liber- dade dos seus direitos e sem submissões escravizantes que a Rússia impõe a todos os povos por ela dominados... e já não são poucos. E é tão poderosa a sua força que nas Nações Unidas só a sua opi- nião é respeitada e as restan- tes Nações associadas e são muitos, não protestam, abs- tence para não ficarem zan- gados porque já receiam o futuro de um Mundo comu- nisado.

— Por —

**Elísio Gonçalves**

Carrazedo

Amares

## Aniversários

### Fazem anos:

Amanhã a Sra. Izaltina Araújo de Andrade.

Neste dia festeja também o seu aniversário natalício o sr. Carlos Augusto Taveira, natural de Carrazedo e residen- te no Brasil.

No dia 15 a sr. João Maria Fernandes Barbosa.

«Tribuna Livre» deseja a todos os aniversariantes que passem um dia feliz e que esta data se repita por muitos anos.

### Bazar de Prendas na Ponte do Porto

No próximo domingo rea- lisa-se um bazar de prendas destinado a custear as despe- sas a fazer com a festa ao Anjo da Guarda. A Ponte do Porto foi o lugar escolhido pela comissão da qual faz parte o conceituado comer- ciante local sr. João Alves que conta com os amigos e devotos do Anjo para con- seguir que os festejos hon- rem as tradições do Cónone Litúrgico cheio de riqueza espiritual.

### Continua a moda

O modelo ficou deixado pelo ex-veterinário de Ama- res que não visita os comer- ciantes que matam porcos para os inspecionar que lhe pagariam a visita para evitar perda de tempo e espetácu- los «fúnebres» pelos cami- nhos até ao sítio determina- do. Mas não é só o veteriná- rio o responsável por esta lamentável sorte dos mata- dores e dos consumidores de carne arejada pelos cami- nhos poeiratos e mos- guentos.

## ANEDOTA

O Pai:

— A tua professora tam- bém foi minha. Ainda não te falou de mim?

— Já! Até disse: (pareces mesmo o cabeçudo do teu pai...)

## Funeral do Rev. Padre Amândio da Silva Campos

Foi a enterrar no passado sábado, dia 3, no cemitério de Santa Marta de Bouro, o corpo do bondoso e exempla- ríssimo Padre Amândio da Silva Campos, que em Santa Marta nasceu em 7 de Agosto de 1900, portanto com 73 anos de idade.

Cantou missa nova em 25 de Abril de 1925, num Do- mingo, à qual eu assisti por coincidência apesar de estar no meu primeiro ano do seminário de N.ª S.ra da Conceição e estar em casa nas férias da Páscoa, daquele ano. Eu mal imaginava daquele acto solene do qual tenho poucas recor- dações e mal imaginava o meu futuro sacerdotal. Todavia, ainda me tocaram algumas migalhas que sobram do Santo Jantar da Missa Nova, para o qual os pais do novo sacerdo- te mandaram matar um vitelo gordo. A seguir foi o saudoso Padre Amândio, paroquiar a vizinha freguesia de Goães, sua única paróquia, onde durante largos anos exerceu um fecundo apostolado sacerdotal e foi por isso que o Senhor Arcebispo Primaz de Braga se dignou presidir ao grandioso funeral. Celebrou a Santa Missa e concelebrou com vários Sacerdotes. Fsz uma pequenina mas brilhante homilia «co- mentando a linda passagem do evangelho da missa exequial: «Hoje mesmo estarás comigo no paraíso». Vimos lágrimas em muitos olhos. O clero do concelho e arciprestado de Amares estava quasi todo ali presente. Vimos ali o Padre Sousa de Goães; o Padre Barreto Marques, antigo e zeloso abade que foi de Santa Marta, o P.re Joaquim - antigo Abade de Valdozende; o P.re Narciso de Bouro, o P.re António de Parada e tantos outros sacerdotes que não tive a honra de conhecer. Vi ali as associações religiosas de Goães com um numeroso e vistoso grupo de «Filhas de Maria» por ele fundadas e organizadas. Vi ali numerosos fieis de todas as camadas sociais das freguesias circunvizinhas, que não couberam dentro da linda e espaçosa Igreja paroquial de Santa Marta de Bouro. Foi exímio cumpridor de todos os seus deveres sacerdotais e paroquiais. Ajudou sempre os colegas com dedicação e sacrifício. Nunca faltou às pales- tras eclesiásticas e a sua opinião era sempre ouvida e acata- da com respeito e dedicação para bem da Santa Igreja, edi- ficação do clero e dos fieis.

Faleceu num dia solene, no dia de todos os Santos. Teve uma morte santa e exemplar. O seu novo pároco — o Senhor Padre Janela, também nunca lhe faltou com os seus auxílios espirituais e com todos os confortos durante a sua longa doença que o reteve em casa, e que sempre suportou com resignação sacerdotal o seu calvário e a sua Cruz. Na sua vida, na sua morte, deu lições a todos. Que descanse em paz a sua bela alma, no Reino da Glória e sentidas con- dolências a toda a sua família e á classe sacerdotal a quem tão dignamente honrou e glorificou. Amem.

*Padre Calisto Vieira*

CARROS DE ALUGUER  
P. RA O PAÍS E ESTRANGEI O

*Adelino da Silva e Sousa*

MOTORISTA DE PRAÇA

RUA DA DEVESEA N.º 7

PRAÇA RESIDÊNCIA  
TELEF. 22424 BRAGA TELEF. 26220

# Quanto se vota na ONU

A resolução em que se pede ao Conselho de Segurança que reconheça a independência da «República da Guiné-Bissau» (sem Bissau e sem Guiné) — como acentuou no outro dia o Prof. Marcello Caetano) foi aprovada na Assembleia Geral da ONU por 93 votos: os de todos os países comunistas, de todos os africanos, de muitos dos países asiáticos e de alguns, poucos hispano-americanos.

É um total que à primeira vista impressiona, confessamolo, sobretudo se o fizermos em confronto com os sete votos «contra» que foram registados e as trinta abstenções que se verificaram.

O resultado, porém, já será menos impressionante, se atentarmos em que entre os sete votos «contra» figuraram, além do próprio Portugal, da República da África do Sul, do Brasil, da Espanha e da Grécia, o dos Estados Unidos e o da Inglaterra, dois dos membros permanentes do Conselho de Segurança — ou seja: dois dos membros do Conselho com direito ao veto.

Também será menos impressionante, se repararmos em que entre os países que se abstiveram se destacam a Suécia, a Noruega, a Dinamarca, a Finlândia e a Islândia; a Holanda, a Bélgica e o Luxemburgo; a Austria, a Irlanda e a Itália; o Japão e a Turquia. Pela primeira vez, também Israel se absteve de votar uma resolução anti-portuguesa. Quase sem excepções, abstiveram-se por igual os hispano-americanos: Bolívia, Chile, Colombia, República Dominicana, Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Paraguai, Uruguai e Venezuela. E abstiveram-se a Austrália, a Nova Zelândia — e o Canadá.

Há, finalmente, que notar que a maioria de dois terços, indispensável nas Nações Unidas para determinados feitos e determinadas manobras, como seria, por exemplo, a de procurar saltar por cima de uma decisão do Conselho de Segurança, não a conseguiram sequer os inimigos de Portugal. Para a terem, os votos «contra» e as abstenções deveriam ter somado apenas 31 e não 37. E não nos devemos esquecer de um tempo, não muito longínquo, em que a maioria dos hispano-americanos votava, invariavelmente ou quase, contra Portugal.

Claro está que nos podemos admirar de que os abstencionistas não tenhamos encontrado pelo menos dois países africanos negros, o Malavi e a Suazilândia; mas até certo ponto compreende-se que o Presidente Banda e o Rei Shobuzza não tivessem querido ser vozes desafinadas no coro africano...

(Aliás não sabemos se esses dois países estiveram ausentes da sala.)

E também nos podemos admirar um pouco de que Israel não tenha sido o oitavo voto a favor de Portugal, em vez de haver alinhado na coluna das abstenções: não fosse Portugal (único, nesse aspecto, de todos os aliados europeus dos Estados Unidos) ter autorizado a utilização da «USAF Station» do aeroporto das Lajes como escala para os aviões procedentes da América e que seguissem rumo a Israel com armas e com munições, numa hora crítica para os exércitos israelitas, a «ponte aérea» não teria talvez funcionado tão satisfatoriamente e talvez agora os árabes não nos ameaçassem com um tratamento «especial» quanto aos fornecimentos de petróleo do Médio Oriente...

De resto, há muito que os portugueses se habituaram a estas votações m a c i ç a s e hostis na Assembleia Geral das Nações Unidas.

Por sinal que entre os abstencionistas contaram-se, ainda, a França e a República Federal Alemã: a França, apesar de todas as pressões que não deixaram certamente de exercer sobre o Governo de Paris os países africanos francófonos; e a República Federal Alemã, apesar do que desejariam os seus próprios extremistas (alguns até com assento no Governo de Bonn, como o dr. Eppler) e Moscovo.

Não. Não foi das piores para Portugal, de modo algum foi das piores — esta votação.

ANI

## ANIVERSÁRIO

Hoje, passa o 16.º aniversário natalício da menina Maria do Sameiro Machado da Silva, funcionária da Padaria Aurora do Minho, desta Vila.

Seus pais e irmãs desejam-lhe muitas felicidades e que esta data se repita por muitos e felizes anos na sua companhia.

Tribuna Livre cumprimenta também a simpática aniversariante e deseja-lhe muitas e muitas Primaveras felizes.

## TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

1.ª Publicação em 10-11-1973



Tribunal Judicial da Comarca

DE

## AMARES

### ANÚNCIO

No dia VINTE E SEIS de NOVEMBRO próximo, pelas 15 horas, no Tribunal Judicial desta comarca e nos autos de carta precatória vinda do 2.º Juízo Cível do Porto e extraída dos autos de execução por custas e pedido que o Ministério Público move contra AMANDIO JOSÉ DA SILVA e mulher MARIA ARMANDA FERREIRA VILELA, moradores no lugar do Terreiro, freguesia de Santa Maria de Bouro, desta comarca, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor indicado, o seguinte prédio penhorado àqueles executados:

Prédio Urbano, denominado «CASA NOVA», sito no lugar do Terreiro, freguesia de Santa Maria de Bouro, que confronta do Norte, Sul e Poente com Maria Rosa Antunes e do Nascente com caminho público, inscrito na matriz sob o artigo 365, que vai à praça pelo valor matricial de 92 160\$00.

Amares, 26 de Outubro de 1973

O Juiz de Direito,

Alfredo Jaime Meneses Correia Barbosa

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

## Na embaixada inglesa em Lisboa um refugiado... não político

«Entre com cuidado» — tal é o aviso que se pode ler na porta de uma das salas da embaixada da Grã-Bretanha em Lisboa, dando claramente a entender que algo de insólito ali aconteceu.

O insólito consiste, neste caso, no facto de ter a embaixada inglesa dado asilo diplomático a um hóspede inesperado, que, ao contrário do que se possa pensar, nada tem a ver com a política.

«Entre com cuidado» — diz o referido aviso. E acrescenta:

«Há uma gaivota ferida nesta sala.»

É com efeito uma gaivota — que foi encontrada ferida na asa direita, sem poder levantar voo da Praia da Saúde, na Costa da Caparica — o hóspede da embaixada inglesa, a que estão a ser prodigalizados todos os tradicionais requintes da diplomacia britânica, desde a assistência de um veterinário até suculentas refeições de peixe fresco. E, se se quiser saber a razão de tudo isto, bastará acrescentar que numa das patas da gaivota há uma anilha com a seguinte inscrição: «British Museum — London».

# FUTEBOL CLUB AMARES

Continuado da 1.ª página

uma equipa à altura dos pergaminhos de nossa Terra.

O elenco directivo que consideramos o melhor dos últimos anos e ao qual preside o dinâmico António dos Santos Barros, necessita de apoio moral e financeiro de todos, para poder levar a cabo a difícil missão que pesa sobre os seus ombros.

Lançamos aqui um apelo a todos aqueles que labutam longe da sua terra, mas a quem esta nunca esquece, para que enviem os seus donativos, colaborando decisivamente nesta campanha que começa a tomar grande vulto. Vamos apresentar em seguida os nomes de todos aqueles que mais uma vez evitaram que o Clube travasse a sua marcha ao longo de 27 anos da sua existência, para depois iniciarmos a pu-

blicação da lista com os nomes e quantitativo daqueles que já responderam presente ao apelo que a Direcção lhes dirigiu, nesta difícil luta que é de todos nós.

### DIRECÇÃO:

António S. Barros  
Luis Ferreira  
João Veloso de Barros  
José N. Cunha Dias  
António G. da Silva

### Vogais

José Maria da Rocha  
António F. de Azevedo  
João Paulo A. B. Macedo.  
Domingos José Dias  
Francisco Martins Gonçalves  
José M. B. Macedo

### Assembleia Geral

João Barbosa de Macedo  
José Gonçalves Macedo  
António G. Santos Meneses

## Condições de Assinatura

Continente

Ano . . . . . 50\$00

Ilhas

Avião—ano . . . . . 150\$00

Semestre . . . . . 75\$00

Barco—ano . . . . . 60\$00

Semestre . . . . . 30\$00

Estrangeiro

Avião—ano . . . . . 180\$00

Semestre . . . . . 90\$00

Barco—ano . . . . . 80\$00

Semestre . . . . . 40\$00

Avião—ano . . . . . 120\$00

e Províncias Ultramarinas

Semestre . . . . . 90\$00

Barco—ano . . . . . 80\$00

## Telefones dos Bombeiros

ros V. de Amares

62162

Leia

Propague e assine

«Tribuna Livre»

## 5.ª COLUMNA

«Continuado da primeira página»

digo *veremos* exprimo-me como um ser vivente terráqueo que desejaria saber qual a origem de tais sinais. De onde? Naturalmente que a análise — e não digo descoberta, porque nada há a descobrir, mas a analisar — é de veras complexa.

Como o caso está entregue a cientistas, não tenho dúvida de que, mesmo levando em conta o necessário tempo, eles são capazes de decifrar positivamente o contacto com outras inteligências de planeta digno da nossa capacidade e, senão mesmo, mais evoluida que a nossa.

Quem sabe?

Se houver contacto, muito embora mais tardiamente, com seres de natureza diferente, isso promete perspectivas aluciantes e, aliás, já professadas por alguns sábios terráqueos.

Se lhe falo nisto, Leitor, é para o dissuadir da guerra árabe-israelita, concerto do que tenho conhecido de melhor até aqui. E pode ser que o meu bom Leitor não repense no caso. É que a guerra veio trazer um concerto especial — o que era preciso, aliás no concerto da ONU. Deste modo, tudo pode acontecer. Encontrar-se uma paz honrosa para ambas as partes.

Então é fácil acreditar que os judeus foram apanhados de surpresa pelos árabes? Entende assim Leitor? Eu não entendo. Mas o meu Amigo dirá.

EME ABRIL